

ENSINO DE HISTÓRIA E EDUCAÇÃO ÉTNICO-RACIAL – ESCOLA BÁSICA MUNICIPAL DILMA LÚCIA DOS SANTOS, FLORIANÓPOLIS, SC

Luiza Vieira Macielⁱ

Clarícia Ottoⁱⁱ

Resumo: Neste artigo, apresentamos desdobramentos da dissertação de mestrado, História e cultura africana na compreensão de jovens estudantes da Escola Básica Municipal Dilma Lúcia dos Santos (Florianópolis, SC). De modo específico, tomamos como foco central o protagonismo docente no desenvolvimento de ações pedagógicas em torno da história e da educação para as relações étnico-raciais. Ao longo da pesquisa, levantamos os primeiros indícios de que a inclusão da temática africana, como um dos eixos da matriz curricular da referida escola, guarda imbricações com a trajetória profissional das professoras Altair Alves Lúcio Felipe e Nildes Lage. Neste texto, retomamos esses indícios na intersecção entre o “eu profissional” e o “eu pessoal”, formulados por Nóvoa (1995). O objetivo principal é evidenciar as subjetividades que constituem a identidade das professoras e também as intersecções entre a identidade profissional e pessoal. As fontes documentais são as entrevistas realizadas com as duas professoras, os projetos político-pedagógicos e de formação continuada da Escola, e os registros de atividades escolares sobre a temática étnico-racial. Nesse movimento, destacamos a importância do trabalho docente na inserção de perspectivas de história da África e de afrodescendentes no cotidiano da escola Dilma Lúcia dos Santos, e o papel dessas professoras no desenvolvimento de uma das atuais perspectivas do ensino de história, a de contemplar a educação para as relações étnico-raciais.

Palavras-chave: Ensino de história; Relações étnico-raciais; Protagonismo docente.

Abstract: This article, presents the results of the master's dissertation, History and African culture in the understanding of young students of the Escola Básica Municipal Dilma Lúcia dos Santos (Florianópolis, SC). Specifically, we focused on the teaching central role in the development of pedagogical actions around the history and the education to ethnic-racial relationships. Along the research were raised the first indications that the inclusion of the African theme, as one of the axes of the curricular matrix of that school, overlaps with the career of the teachers Altair Alves Felipe e Nildes Lage. In this article, we resumed those signs at the intersection between the "I professional" and the "I personal", formulates by Nóvoa (1995a and). The main objective is to highlight the subjectivities that make up the identity of the teachers and also the intersections between the professional and personal identity. The documentary sources are the interviews with the two teachers, the political pedagogical projects and those of continuing education of the school and also, school records on ethnic and racial issues. In this movement, we emphasize the importance of the teaching work in the insertion of perspectives of the history of Africa and of African descent in the everyday life of the school Dilma

Lúcia dos Santos and the role of these teachers in the development of one of the current perspectives of the teaching of history, contemplate education for the ethnic-racial relations.

Keywords: Teaching of History; Ethnic-racial relations; Protagonism of Teaching.

O desafio é a promoção de um ensino-aprendizagem em que a história africana e a história européia, por exemplo, não sejam dicotomizadas, nem idealizadas, nem tampouco contrapostas, mas, antes, compreendidas em sua dinâmica e circularidade, com as violências e embates do passado e do presente, mas com as perspectivas relacionais requeridas em qualquer abordagem histórica mais substantiva (PEREIRA, 2008, p. 29).

Ao considerar o contexto atual no qual já se completou mais de uma década desde a implementação da Lei nº 10.639/2003, política nacional que instituiu a obrigatoriedade do ensino de história e da cultura africana e afrodescendente nas escolas, torna-se relevante o levantamento de questões sobre como essa política vem sendo apropriada em diferentes contextos escolares brasileiros. A identificação das especificidades que constituem os espaços nos quais as políticas voltadas para a educação das relações étnico-raciais procuram ser implementadas colabora não apenas no sentido de valorização, divulgação e problematização de tais propostas, como também pode ser uma estratégia frutuosa para inquirir sobre como sujeitos escolarizados aprendem e ensinam História em diferentes contextos.

O presente artigo constitui-se como um movimento de reflexão a partir de elementos identificados na produção da dissertação de mestrado concluída em 2014. Os objetivos estiveram centrados na questão da consciência histórica sobre África e afrodescendentes de jovens alunosⁱⁱⁱ, matriculados nos anos finais do ensino fundamental. Com base na definição de Jörn Rüsen (2001), o conceito de consciência histórica foi acionado a fim de identificar *o que* os estudantes sabiam a propósito da história do continente africano e de seus descendentes, e também *como* operavam o conhecimento histórico quando desenvolviam considerações a respeito dessa temática específica.

Dada a problemática de pesquisa destacada, tornou-se necessário um movimento de aproximação com a unidade educativa na qual os sujeitos da pesquisa estavam matriculados, com o objetivo de familiarização quanto à perspectiva sobre a história e cultura africana com a qual estes se relacionavam em sua vida escolar. Essa etapa metodológica possibilitou familiarização no

ambiente escolar da pesquisa e aproximação com alunos, professores e gestores.

Nesse movimento, foi possível observar a relevância do trabalho docente para a efetivação e continuidade de propostas voltadas para a educação das relações étnico-raciais na referida escola. No entanto, esse aspecto não pôde ser aprofundado naquele momento, considerando que a pesquisa esteve centrada na identificação da consciência histórica dos jovens estudantes das turmas selecionadas. Dessa forma, foi possível apenas tangenciar os elementos referentes ao protagonismo docente, tendo como objetivo a contextualização da trajetória de inclusão e consolidação da perspectiva africana no currículo escolar.

Considerando a relevância dessas reflexões, procuramos retomá-las aqui, circunscrevendo principalmente o papel de alguns professores na constituição das especificidades do tratamento da questão da educação das relações étnico-raciais no cotidiano da Escola Dilma Lúcia dos Santos. Desse modo, os professores são compreendidos como atores privilegiados no espaço escolar, na medida em que forjam sua cultura e, mais especificamente, são os agentes diretos do trabalho pela inclusão da temática africana na Instituição em foco.

Para tanto, foi retomado um conjunto de fontes documentais, as quais foram coletadas durante as etapas de investigação em campo em 2013, como as entrevistas com docentes da Escola, os projetos político-pedagógicos de 2010 e 2012, entre outros registros. A articulação entre esses documentos foi instrumentalizada no sentido de identificar a trajetória de inclusão do trabalho pela educação étnico-racial na Escola, bem como suas especificidades.

A partir desses indícios, foi possível identificar uma série de transformações ocorridas nas últimas décadas. Percebemos que a temática foi sendo inserida no cotidiano escolar por meio de um conjunto descentralizado de atividades como, por exemplo, a constituição dos currículos, a seleção das festividades, a promoção de cursos de formação continuada e também a prática docente em sala de aula, de modo que a temática étnico-racial tornou-se um dos eixos curriculares, conforme o artigo 43 do Regimento Interno da Escola, presente no Projeto Político-Pedagógico de 2012.

Além disso, evidenciou-se o papel do professor na constituição das especificidades que compõem a história e a cultura dessa escola, considerando que a dinâmica escolar é forjada (e modificada) cotidianamente pelos sujeitos que atuam

nesse espaço de escolarização. Conforme Nóvoa (1995, p. 17), fomos percebendo que “é impossível separar o *eu profissional* do *eu pessoal*”, considerando que as experiências e identidades dos professores se fazem presentes nas opções e práticas que estes exercem em seu cotidiano como docentes.

Indícios do protagonismo docente na Escola Básica Municipal Dilma Lúcia dos Santos

A Escola Básica Municipal Dilma Lúcia dos Santos está localizada no bairro da Armação do Pântano do Sul, na região sul da cidade de Florianópolis. Atualmente, possui 660 estudantes distribuídos em turmas de 1º ao 9º ano, funcionando nos turnos matutino e vespertino^{iv}.

Sua fundação remete à década de 1950, época em que funcionava como Escola Isolada e, posteriormente, como Escola Reunida em uma casa particular alugada.^v No início da década de 1970, a administração municipal finalizou o primeiro prédio público construído exclusivamente para a Escola, o qual atendia a alunos de 1ª a 4ª séries, denominado Grupo Escolar Presidente Castelo Branco.

Desde então, a Escola passou por uma série de reformulações, crescendo em número de alunos, corpo docente e propostas educativas. Uma conquista importante, tanto para os trabalhadores quanto para a comunidade do bairro, foi a ampliação e inauguração de um novo prédio em 2004. Tal acontecimento também propiciou que se repensasse o nome da Escola, ideia que levou a abandonar a nomenclatura que remetia ao ex-presidente do período ditatorial no Brasil para homenagear a ex-professora e diretora Dilma Lúcia dos Santos.

A professora Dilma Lúcia dos Santos era oriunda do bairro no qual está situada a escola, e a homenagem é um indício não apenas da relevância do protagonismo docente em relação ao passado da Escola, mas também de valorização de seus professores na atualidade.

Neste sentido, foi grande o interesse da Comunidade da Armação em modificar o nome desta escola por outro. A procura por um novo nome, nos fez lembrar quem realmente lutou, trabalhou e fez algo tão significativo por nossa escola. Algumas pessoas poderiam ser lembradas e aproveitando o ensejo, desejávamos homenagear a mais antiga professora e ex-diretora desta escola – a professora Dilma. [...] Neste dia, marcado por muitas

emoções, um novo espaço daria o início para um novo rumo de relações sociais nesta escola (FLORIANÓPOLIS, 2012, s/p).

A opção por dar à Escola o nome de uma docente, protagonista de sua história, carrega implicitamente uma perspectiva que prioriza a atuação dos sujeitos que participam do cotidiano escolar em detrimento de uma visão que privilegia o papel de representantes institucionais ligados à esfera da oficialidade e ao poder constituído tal como na denominação anterior.

Nessa direção, optamos por evidenciar o papel docente nesse espaço educativo. Ao tomar as trajetórias profissionais e os relatos docentes como fontes, temos por objetivo “fazer reaparecer os sujeitos face às estruturas e aos sistemas, a qualidade face à quantidade, a vivência face ao instituído” (NÓVOA, 1995, p. 18), a fim de identificar os diversos momentos em que a história da Escola Dilma Lúcia dos Santos se entrelaça com a história profissional e a vida de seus professores.

Imbricações entre a subjetividade docente e a inclusão e consolidação da educação das relações étnico-raciais no cotidiano da Escola

Também é evidente a relevância do protagonismo docente no que diz respeito ao processo de inclusão e consolidação da história e cultura africana e afrodescendente no cotidiano escolar como uma das prioridades do seu currículo. Nesse aspecto, a primeira movimentação interna ocorreu no início da década de 1990, antes mesmo de serem aprovadas leis municipais e federais que condicionam a presença desses conteúdos nas escolas.

O acesso a essas informações foi possível desde o primeiro contato com a Escola, realizado em dezembro de 2012. Dada a temática proposta pela investigação de mestrado, a primeira indicação fornecida pela direção da escola foi de estabelecer contato com a orientadora pedagógica, Altair Alves Lúcio Felipe, afirmando que essa professora possuía longa trajetória vinculada à questão da educação étnico-racial.

A partir do contato com essa profissional, o objetivo era encontrar registros que apresentassem vestígios sobre projetos e atividades realizados que envolvessem a temática africana e afrodescendente. No entanto, pudemos identificar poucos documentos produzidos na Escola acerca da temática em foco, haja vista

que o uso de tecnologias de captação de imagem, como câmeras fotográficas, filmadoras, e também o armazenamento virtual de arquivos ainda eram práticas pouco difundidas na equipe.

Diante dessa constatação, os aportes metodológicos da história oral passaram a ser instrumentalizados com o objetivo de averiguar, com base em relatos de duas docentes, como se deu a trajetória de construção das propostas de educação das relações étnico-raciais. Para tanto, foram desenvolvidas entrevistas temáticas, “que se referem às experiências ou processos específicos vividos ou testemunhados pelos entrevistados” (DELGADO, 2006, p. 22).

As entrevistas foram instrumentalizadas para averiguar sobre o processo de constituição da temática étnico-racial como um tema central para a Escola Dilma Lúcia dos Santos. A primeira professora entrevistada foi Altair Alves Lúcio Felipe. Durante o desenvolvimento da entrevista, Altair rememorou algumas de suas experiências na Escola relacionadas à temática africana. Por intermédio dela, foi estabelecido contato com as professoras de História, Daniela Fernandes Sbravati e Alanna Fernanda Duarte e de Língua Portuguesa Nildes Macêdo Lage.

A professora Altair trabalha na instituição desde a década de 1990 e, durante o período de desenvolvimento da pesquisa, encontrava-se em vias de se aposentar. Na época de seu ingresso na Escola, já participava do Movimento Negro e de núcleos de pesquisa acadêmica envolvidos com a temática africana. Nessa direção, indica como a possibilidade de aproximação desse Movimento contribuiu para que a temática africana e afrodescendente integrasse o currículo e o cotidiano da escola.

Com a minha presença na escola, fui indagando sobre a questão afrodescendente. E a gente foi trazendo. Na época tinha oficinas, oficinas de preparação sobre esses conteúdos, a gente foi trazendo alguns educadores, alguns personagens do Movimento Negro [...] e fomos trabalhando com os professores. Eu lembro que nós tivemos até uma oficina de literatura afro-brasileira [...] que trabalhava os conteúdos contidos na literatura, os personagens negros que apareciam na literatura. Então começou essa “mexida” na escola, essa “mexida cultural”^{vi}.

Nesse mesmo período, relembra que na escola era realizada, anualmente, uma festa folclórica, momento que privilegiava a cultura e tradições europeias de modo que esses grupos eram apresentados como os sujeitos pioneiros da história e colonização do estado de Santa Catarina.

Uma das atividades que a gente propôs, num determinado momento, é que, assim como se apresentavam as danças italianas, as danças açorianas, as danças alemãs, que tivesse também a cultura afro. E assim, propomos a origem do carnaval. E essa atividade, entre as outras que estavam presentes nesse caldeirão cultural, trouxe a comunidade pra dentro da escola numa festa carnavalesca. Os alunos tiveram que pesquisar, a gente teve que estar buscando pessoas que trabalhavam percussão, os blocos da comunidade, então movimentou. Nós tivemos um grande carnaval na escola, culminou com a presença dos grupos e com os blocos e escolas de samba da comunidade.^{vii}

A professora ressalta como a perspectiva eurocêntrica passa a ser questionada por ela e pelos profissionais da Escola que mobilizaram uma “mexida cultural” no sentido de desestabilizar a soberania de determinadas culturas no cotidiano escolar, evidenciando o papel e relevância de grupos historicamente excluídos, como o caso dos africanos e de seus descendentes.

As primeiras propostas de trabalho com a cultura africana, conforme rememoração feita por Altair, foram endossadas em 1994, quando ocorreu a aprovação, em Florianópolis, da Lei Ordinária nº 4.446/1994, a qual implementou a obrigatoriedade do ensino de história afro-brasileira em todas as séries do ensino básico da rede municipal de educação. Esta e outras medidas legislativas municipais^{viii} corroboraram para que a Escola Dilma Lúcia dos Santos e as demais unidades educativas da rede municipal de educação de Florianópolis passassem a desenvolver atividades que contemplassem a temática africana e afrodescendente em seu planejamento anual.

Com a obrigatoriedade legal, a professora Altair afirma que ocorreu um adensamento das propostas de inclusão da Lei nº 10.639/2003 na Escola, e atividades passaram a ser desenvolvidas com maior regularidade e em diferentes perspectivas de trabalho.

A escola teve que se adequar a isso. E com a minha presença aqui isso foi tomando corpo. Eu tive vários parceiros, a escola toda se movimentou, a diretora foi incansável pra buscar isso. E quando acontece a implantação da Lei 10.639/2003, a prefeitura também já tinha se movimentado nesse sentido. Então, a escola também trouxe outras pessoas pra estar discutindo o Projeto Político-Pedagógico (PPP), era um momento também de divulgação da importância do PPP da escola, do que a escola deveria trabalhar no seu currículo; a própria Secretaria de Educação começa a realizar formação de professores e a escola também começou a se mexer.^{ix}

Além da informação referente às primeiras atividades no sentido de inclusão da temática africana na Escola, é possível identificar intersecções entre o eu profissional e o eu professor, conforme pontuado por Nóvoa (1995). Nessa perspectiva, o indivíduo, como professor, vai construindo sua visão de mundo em tempo integral. Esse processo desdobra-se de forma contínua em sua vida cotidiana, atividades de formação e também em sala de aula. Nesse sentido, professores e professoras não podem ser compreendidos apenas como executores restritos ao campo da ação. Trata-se, antes de tudo, de pessoas permeadas por experiências e subjetividades, as quais não podem ser simplesmente descoladas de sua prática docente.

A maneira como cada um de nós ensina está diretamente dependente daquilo que somos como pessoa quando exercemos o ensino. [...] Eis-nos de novo face à pessoa e ao profissional, ao ser e ao ensinar. Aqui estamos. Nós e a profissão. E as opções que cada um de nós tem de fazer como professor, as quais cruzam a nossa maneira de ser com a nossa maneira de ensinar e desvendam na nossa maneira de ensinar a nossa maneira de ser (NÓVOA, 1995, p. 17).

Dessa forma, as experiências vividas ao longo da trajetória de vida dos professores fazem-se presentes na sua postura e nas escolhas que cada um faz em seu trabalho docente. Nessa mesma medida, as experiências vividas no ambiente escolar também são subjetivadas na identidade pessoal do professor, de modo que é impossível separar esses dois aspectos de sua identidade.

Os professores não são apenas reprodutores de conhecimentos que são determinados em instâncias alheias ao seu trabalho: são agentes centrais na construção das especificidades que constituem as diferentes unidades escolares. Quando a orientadora pedagógica Altair Felipe relaciona sua inserção na Escola, na década de 1990, às primeiras incursões sobre a temática africana nesse espaço, é possível perceber como “os professores não vão somente responder a uma necessidade social de educação, mas também criá-la” (NÓVOA, 1991, p. 123). Além disso, identificamos como sua atuação profissional é influenciada pelo contexto social no qual desenvolveu suas experiências ao longo de sua trajetória de vida, de modo que a aproximação da professora com núcleos de pesquisa e com o Movimento Negro são questões que se fazem presentes em sua prática na Escola Dilma Lúcia dos Santos.

A trajetória de Altair é exemplo sobre a centralidade do papel dos professores na inserção e construção de particularidades da cultura escolar. As temáticas africanas podem ser percebidas tanto como elementos centrais na constituição de sua trajetória de trabalho quanto na estrutura curricular adotada pela Escola na qual a professora entrevistada desenvolveu sua trajetória profissional. Ainda que se destaque o papel e a importância da legislação educacional voltada para a educação étnico-racial, o relato da orientadora coloca em evidência como “é preciso não esquecer que os agentes desse empreendimento foram os professores” (NÓVOA, 1991, p. 123).

Ademais, é válido retomar que o contato inicial com a orientadora pedagógica foi uma indicação feita pela própria Direção da Escola. Após o contato com a orientadora Altair, percebemos que, de fato, o trabalho dava-se pelas articulações entre os profissionais da Escola, os quais tinham sua trajetória profissional marcada pela preocupação com o ensino da história e cultura africana. Altair cita, por exemplo, que os professores de História e de Língua Portuguesa também são parceiros no desenvolvimento de atividades correlatas ao tema.

Entre as atividades, destacamos o curso interno de formação continuada com o corpo docente, o qual foi organizado em parceria com a professora de História Daniela Sbravati e outros profissionais da Escola, em 2012.

Acabou que, com a implementação [da Lei municipal] [...] e com a presença preocupada dos professores com essa temática, a gente começa a fazer a formação dos professores *in loco*. [...] Então, no ano passado, tivemos uma formação de 20 horas na própria escola. E isso também mexeu com o currículo da escola.^x

O projeto de formação continuada ao qual a professora refere-se, intitulado “A prática de ensino das relações étnico-raciais”, foi organizado tendo por base três cursos, ministrados por pesquisadores convidados, cujo objetivo foi agregar conteúdos a respeito da história e cultura africana e afrodescendente à prática cotidiana dos professores de todas as disciplinas. Depois de finalizada essa primeira etapa, foi construído um fórum de atividades *on-line* para que os participantes socializassem suas impressões, tomando por base cada sessão do curso. Por fim, os professores desenvolveram uma avaliação e o planejamento coletivo do dia da diversidade étnico-racial, atividade comemorativa desenvolvida na Escola. A

perspectiva de celebração da diversidade proposta no referido evento procura substituir o ponto de vista eurocêntrico presente na antiga Festa do Folclore, comemorada na Escola na década de 1990, conforme lembrado por Altair.

A proposta de envolvimento de todos os professores no curso de formação continuada ressalta o interesse em desenvolver um trabalho interdisciplinar para a educação das relações étnico-raciais. Os registros orais e escritos indicam ênfase no trabalho dessa temática nas aulas de história, e, de fato, a organização do curso parte de uma parceria entre a orientadora e uma docente dessa área. No entanto, Altair também destacou outras iniciativas voltadas para agregar as demais disciplinas, bem como, o papel de outros profissionais da Escola no trabalho pela inclusão da temática africana.

Além dessa atividade desenvolvida em conjunto com o corpo docente, a orientadora destacou o papel de outros profissionais da Escola no trabalho pela inclusão da temática africana. A partir dessas indicações, foi estabelecido contato com duas professoras Daniela e Alanna, de História e a professora Nildes, de Língua Portuguesa, haja vista seus relatos acerca de suas experiências de trabalho com a história e cultura africana, seja em sala de aula, seja na comunidade do bairro da Armação.

Nildes Lage atua como professora de Língua Portuguesa na Escola Dilma Lúcia dos Santos desde o início de 2000, época na qual já realizava atividades envolvendo a temática africana com os alunos, porém, ainda de uma forma pouco incisiva. Segundo Nildes, entre 2007 e 2008, quando teve contato mais aprofundado com narrativas históricas sobre a antiguidade africana, resolveu inteirar-se sobre o tema e trabalhar tal questão com os alunos de forma intensificada, desenvolvendo diferentes projetos.

Outro motivador destacado pela professora Nildes para sua aproximação com essa perspectiva de trabalho foi a identificação de recorrentes problemas envolvendo preconceito entre os alunos. Relata ela que tais práticas eram ainda recorrentes no início de 2000, época na qual lembra como nas festas da escola, diversas vezes, as professoras dançaram com as alunas e alunos negros, pois o aluno que formava dupla com o colega negro, no dia da apresentação não comparecia.

A partir da identificação desse tipo de situação, Nildes explica como passou a

desenvolver um conjunto de atividades envolvendo a questão da educação para as relações étnico-raciais entre os conteúdos de suas aulas de Português. Nesse sentido, é possível afirmar que experiências vividas dentro e fora da escola acarretaram modificações nas práticas, abordagens e conteúdos privilegiados pela docente em seu cotidiano de trabalho com os alunos. Segundo Goodson (1995, p. 74), a profissão docente é permeada por “*incidentes críticos* nas vidas dos professores e, em especial, no seu trabalho, que podem, decididamente, afetar a sua percepção e práticas profissionais”. Parece ser esse o caso quando a professora Nildes rememora que tanto o fato de ter tomado conhecimento sobre aspectos históricos do continente africano quanto a reincidência de casos de racismo entre seus alunos levaram-na a rever o modo como guiava seu trabalho docente em sala de aula.

Essa perspectiva de compreensão evidencia o papel dos sujeitos docentes nas modificações que afetam aspectos institucionais e curriculares da escola, como é o caso da continuidade dos trabalhos voltados para a educação das relações étnico-raciais desenvolvidos pela professora Nildes na Escola Dilma Lúcia dos Santos. Sua trajetória de trabalho é marcada por um aprofundamento no que diz respeito a essa questão; esse advento, contudo, não está diretamente condicionado à instituição legal das temáticas africanas nas escolas, mas sim, tem relação com suas experiências profissionais e de vida, as quais colaboraram para que a docente constituísse um novo olhar acerca do referido tema.

De fato, a via para compreendermos de que forma a subjetividade docente está imbricada nos diversos processos educativos é colocando em evidência as experiências de professores, considerando que a abordagem sobre aspectos de suas histórias de vida “reconceitualiza, por assim dizer, os nossos estudos sobre escolaridade e currículo” (GOODSON, 1995, p. 75).

Esta abordagem permite compreender de um modo global e dinâmico as interações que foram acontecendo entre as diversas dimensões de uma vida. Só uma história de vida permite captar o modo como cada pessoa, permanecendo ela própria, se transforma. Só uma história de vida põe em evidência o modo como cada pessoa mobiliza os seus conhecimentos, os seus valores, as suas energias, para ir dando forma à sua identidade, num diálogo com seus contextos. Numa história de vida podem identificar-se as continuidades e as rupturas, as coincidências no tempo e no espaço, as ‘transferências’ de preocupações e de interesses, os quadros de referência presentes nos vários espaços do quotidiano (MOITA, 1995, p. 116).

Ao longo de seu trabalho na referida Escola, a professora Nildes desenvolveu um conjunto de propostas educativas, com base em abordagens diferenciadas que traziam como principal objetivo valorizar a cultura e a presença de afrodescendentes na Escola e na comunidade da Armação do Pântano do Sul. Entre os exemplos lembrados pela docente, está o trabalho no qual ela própria realizou um conjunto de entrevistas com antigos moradores negros do bairro a fim de identificar contribuições desses grupos para a localidade.

Depois, os alunos trabalharam com essas entrevistas. O objetivo era trazer essa realidade pra sala de aula e valorizar também os alunos negros da escola. Porque eram famílias de alunos, quando eles perceberam exclamaram: olha, é a minha tia!^{xi}

Nessas entrevistas, a professora pôde identificar experiências de segregação racial que ocorriam no bairro nas primeiras décadas do século XX, como, por exemplo, as festas e ordens religiosas que não permitiam integrantes negros. Além disso, ela afirma que foi possível identificar que atualmente essa população ainda é estigmatizada tal como a designação da rua na qual vivem famílias negras conhecida como “caga mato”.

Em função desse trabalho, passei a conhecer mais os alunos e aí comecei a ver que na Armação tem essa história de rua de negro, de não sei o quê. E eu descobri que o nome da rua onde os negros moram se chama caga mato. E tinha até uma coisa assim, desses grupos que colocam os nomes, que picham, sabe? Tinha um grupo que pichava lá e colocava: caga mato. [...] Porque se você perguntar pro pessoal, as pessoas te dizem: “Ah, é ali no caga mato”. Agora, o outro trabalho que fiz depois que eu entrevistei todos os alunos negros da escola, foi muito engraçado, eu perguntava: onde é que você mora? Eles não diziam. Nunca diziam: caga mato. Diziam o nome da rua, mas caga mato, não. Pra você ver como é que as coisas realmente magoam.^{xii}

Nessa narrativa, a professora cita outro projeto no qual entrevistou os alunos negros com a finalidade de produzir uma série de programas de rádio. Relata ter percebido como os alunos negros, moradores da rua designada pejorativamente, não se referiam ao local por esse nome, evitando relacionar sua residência a esse local. Nesse sentido, a professora indica como, a partir do trabalho de entrevistas com os moradores negros do bairro, foi possível compreender e trabalhar as atitudes preconceituosas historicamente constituídas, as quais estavam repetindo-se no

cotidiano escolar.

Nessa direção, o trabalho de entrevistas com os alunos negros para produção dos programas de rádio esteve amparado por diferentes objetivos: em primeiro lugar, destaca seu intuito de valorizar a presença desses indivíduos no contexto da Escola. Além disso, as perguntas realizadas nas entrevistas procuravam identificar de que forma estavam desenvolvendo-se as relações étnico-raciais com esses sujeitos e também questionavam sobre suas experiências cotidianas que envolviam essa temática, a fim de perceber suas apropriações acerca do processo de inclusão das perspectivas africanas no ambiente escolar.

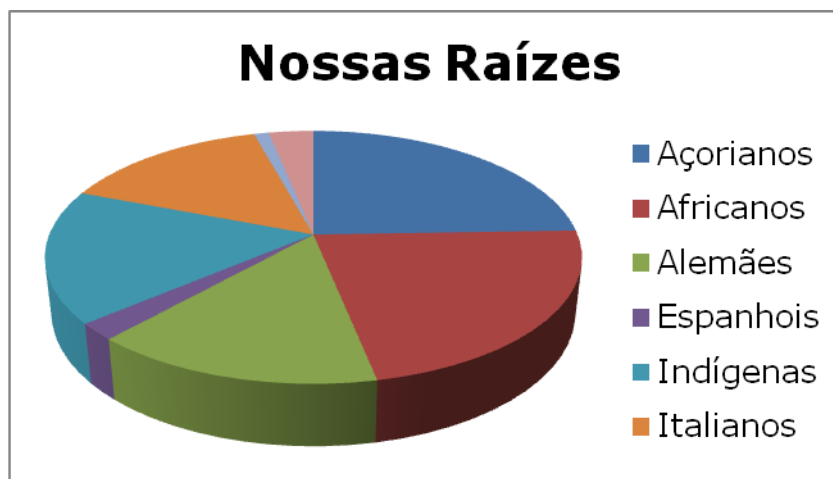
Nesse programa, entrevistavam professor, coordenador, diretor, alunos, uma grande discussão sobre essa questão dos alunos negros em sala de aula. Como é que isso estava sendo trabalhado em sala de aula, se tem preconceito ou se não tem, como é a questão do negro na relação com a comunidade. Nesse ano nós fizemos 21 programas de rádio. Muito legal porque os alunos se envolvem. Quando eles se envolvem no trabalho é muito bom.^{xiii}

Além das duas atividades centralizadas em trabalho com as mencionadas entrevistas, a professora desenvolveu o projeto “Nossas Raízes”, o qual retomou a perspectiva de identificar e valorizar a diversidade étnica e cultural dos alunos da Escola e de suas famílias. Nessa proposta,

os alunos iriam entrevistar os pais para tentar construir uma árvore genealógica, saber quem era o pai, quem era o avô, quem era o bisavô. [...] E foi muito interessante, depois os alunos faziam os gráficos. Na verdade, entre as principais etnias na turma, a maior parte dos alunos é afro. E isso foi muito interessante, porque depois disso a professora fez toda uma conversa na sala. Porque até gente que era branquinho descobriu que a sua descendência é negra. Assim, foi um trabalho muito legal porque a gente já desconfiava disso, mas não sabia.^{xiv}

Essa atividade de levantamento de dados familiares dos alunos, desenvolvida em 2010 com duas turmas de 5º ano, identificou diversidade de origens étnicas entre os alunos, além de ter apontado para quantidade significativa de alunos afrodescendentes (Gráfico 1).

Gráfico 1 – Projeto Nossas Raízes: origem étnica de alunos da Escola Dilma Lúcia dos Santos



Fonte: Acervo da professora Nildes Lage (2010)

Além dos projetos que destacavam o aspecto da diversidade cultural com os quais esteve envolvida, ao inferir acerca de sua versão sobre a abordagem da questão étnico-racial desenvolvida na Escola, a professora apontou outro espaço significativo para o trabalho com essas questões: a biblioteca. Lembra que a escola conta com um acervo de literatura infanto-juvenil a propósito das temáticas africanas e afrodescendentes que é apresentado aos docentes no início do ano letivo pela bibliotecária, procurando estimulá-los a utilizar tal literatura.

Isso não acontece desde que eu comecei a trabalhar nessa escola. Não existia também essa gama de livros. De um tempo pra cá, esses livros chegaram na escola. O MEC manda esses livros. Livros bons, de boa qualidade. E antes não, a gente teria que comprar se quisesse ter na biblioteca. A partir do momento que esses livros foram chegando, o trabalho foi feito. [...] E a bibliotecária, com a postura que ela tem, eu também conseguia fazer muito bem o meu trabalho. Ela estava ali junto, o tempo todo com a turma, se tivesse alguém que estivesse atrapalhando ela ia lá e chamava a atenção, então era muito bom.^{xv}

Nessa fala, fica evidente mais uma vez a importância da articulação entre diferentes profissionais nos trabalhos que envolvem a temática étnico-racial, os quais são fundamentais para que a cultura escolar tenha sido constituída tomando as temáticas africanas como um de seus principais eixos. A atuação da bibliotecária na garantia da presença e do uso de exemplares de literatura africana foi uma questão que se destacou tanto na fala da professora Nildes quanto na opinião dos alunos relativamente às suas experiências escolares com a história e a cultura africana. Durante o desenvolvimento da pesquisa de dissertação de mestrado, os alunos apontaram o espaço da biblioteca como um dos locais da Escola no qual era

possível adquirir informações sobre o continente africano; além disso, lembraram sua participação em atividades sobre essa temática que haviam sido desenvolvidas nesse espaço, como leituras individuais e coletivas, apresentações teatrais e oficinas sobre arte africana.

Com relação às professoras de História, foi estabelecido contato com as duas profissionais que haviam trabalhado com as turmas dos anos finais do ensino fundamental. Na época da pesquisa de mestrado, a colaboração das professoras Daniela Sbravatti e Alanna Duarte foi imprescindível, especialmente no que diz respeito às etapas metodológicas, já que possibilitaram uma contextualização dos alunos participantes, retomaram as experiências que haviam desenvolvido nas aulas de história com as turmas e abriram espaço, em sala de aula, para o desenvolvimento dos procedimentos empíricos da investigação. Assim, ainda que não tenham sido realizadas entrevistas aprofundando suas trajetórias profissionais na Escola, as duas professoras assumiram um papel relevante ao contemplar esses conteúdos também nas aulas de História.

Sendo assim, compreendemos que a educação das relações étnico-raciais é uma temática que se desenvolve na Escola Dilma Lúcia dos Santos com base em trabalhos desenvolvidos na troca de saberes, experiências e parcerias entre docentes de diferentes áreas do conhecimento, envolvendo igualmente a equipe pedagógica, direção e os profissionais da biblioteca. Suas propostas de trabalho acabam por constituir uma trajetória heterogênea, descentralizada e de abordagens múltiplas no que concerne à inclusão e ao trato das perspectivas africanas na Escola pesquisada.

Considerações Finais

Tomando por base um conjunto diversificado de fontes orais e escritas identificamos um movimento significativo pelo ensino de história da África e dos afrodescendentes na Escola Dilma Lúcia dos Santos. No entanto, é necessário destacar que o trabalho com a temática africana não se desenvolve restrito às aulas de História. A proposta de educação das relações étnico-raciais extrapola estes limites disciplinares, e se inscreve de forma diluída nas demais disciplinas e espaços escolares. Essa constatação pode ser inferida por meio do contado com as docentes

de História, as quais apresentaram perspectivas de trabalho que privilegiam um intercâmbio plural de saberes na construção do conhecimento histórico escolar. Suas propostas endossam o ponto de vista interdisciplinar das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais, o qual pontua que estes conteúdos deverão ser “ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História.” (BRASIL, 2004, s/p).

Ademais, a relevância do protagonismo docente na Escola Dilma Lúcia dos Santos é um dado que já pode ser identificado desde os primeiros anos de sua história. A atuação da ex-fundadora, professora e diretora Dilma Lúcia dos Santos entre as décadas de 1950 e 1960, bem como o atual interesse da equipe em valorizar e homenagear essa docente são alguns dos indícios sobre essa particularidade da história a da perspectiva de trabalho.

No que tange à educação para as relações étnico-raciais, a proeminência do protagonismo docente também é perceptível. Nesse quesito, evidenciam-se as questões referentes às subjetividades da identidade docente, de modo que experiências pessoais das professoras Altair Felipe e Nildes Lage puderam ser percebidas em suas imbricações com as opções de trabalho que ambas desenvolvem.

Ao identificar as especificidades das experiências pessoais e profissionais dessas professoras, ficou claro seu papel na constituição da história e cultura dessa Escola voltada para a inclusão das perspectivas africanas. Ainda que se dê destaque à legislação referente ao tema que vem sendo aprovada desde a década de 1990, é o protagonismo dessas professoras no dia a dia profissional que inscreve a educação étnico-racial como um eixo da matriz curricular.

Segundo relatos das professoras, foi a partir de uma série de condicionantes em sua vida e prática de trabalho que a presença das abordagens e conteúdos africanos tornou-se parte do cotidiano da escola. Dessa forma, acontecimentos de ordem pessoal, como o envolvimento com o Movimento Negro, ou a aproximação com narrativas históricas sobre o continente africano, colaboraram para que as perspectivas africanas fossem paulatinamente incluídas, não apenas na vida dessas docentes, mas, também, no currículo escolar. Tais constatações levam a compreender que “um processo de formação, mesmo quando está mais ligado

explicitamente a um domínio da vida, tem repercussões em todos os outros domínios” (MOITA, 1995, p. 138).

Além disso, é válido destacar que as professoras também apresentaram em seus relatos uma noção de valorização do trabalho docente. Para elas, “a profissão é a medida que lhes permite uma intervenção no espaço social na sua dimensão macro. Elas vêem na profissão um meio privilegiado de contribuição no sentido da mudança e por isso empenham-se nela fortemente” (MOITA, 1995, p. 139). As professoras compreendem que sua atuação profissional extrapola os limites da sala de aula e do espaço escolar, inscrevendo-se na vida dos alunos, de suas famílias, da equipe escolar e da comunidade local. Esse é um indício importante para compreender os significados e motivos de sua dedicação pela educação das relações étnico-raciais em seu trabalho escolar.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Presidência da República. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências, 2003.
- _____. Presidência da República. Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. 2008.
- _____. Ministério da Educação/Conselho Nacional de Educação. Parecer CP/CNE 3/2004. Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o Ensino de História e cultura afro-brasileira e africana. Relatório, 2004.
- DELGADO, L. A. N. *História oral: memória, tempo, identidades*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- FLORIANÓPOLIS. Lei nº 4446/94, de 5 de julho de 1994. Institui a inclusão do conteúdo “História afro-brasileira” nos currículos das escolas municipais de

Florianópolis e dá outras providências, 1994.

_____. Secretaria Municipal de Educação. Orientações curriculares para o desenvolvimento da educação das relações étnico-raciais e para o Ensino de História e cultura afro-brasileira e africana na educação fundamental. Florianópolis: SME, 2008.

_____. Conselho Municipal de Educação. Resolução nº 2, de 1º de julho de 2009. Dispõe sobre os procedimentos para o desenvolvimento das Diretrizes Curriculares Nacionais relativas à Educação das Relações Étnico-Raciais e ao Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira, Africana e Indígena, no âmbito das unidades educativas do Sistema Municipal de Ensino e dá outras providências, 2009.

_____. Secretaria Municipal de Educação. Projeto Político-Pedagógico Escola Básica Municipal Dilma Lúcia Dos Santos. Florianópolis, 2010.

_____. Secretaria Municipal de Educação. Projeto Político Pedagógico Escola Básica Municipal Dilma Lúcia Dos Santos. Florianópolis, 2012.

_____. Secretaria Municipal de Educação. Projeto Formação continuada para docentes da Escola Básica Municipal Dilma Lúcia dos Santos: prática de Ensino das relações étnico-raciais, 2012.

GOODSON, I. F. "Dar Voz ao professor: as histórias de vida dos professores e seu desenvolvimento profissional". In: NÓVOA, A. (Org.). *Vidas de Professores*. 2. ed. Porto: Porto Editora, 1995.

MOITA, M. da C. "Percurso de formação e de trans-formação". In: NÓVOA, A. (Org.). *Vidas de Professores*. 2. ed. Porto: Porto Editora, 1995.

NÓVOA, A. "Para o estudo sócio-histórico da gênese e desenvolvimento da profissão docente". *Teoria e Educação*, Porto Alegre, nº 4, p. 109-139, 1991.

_____. (Org.). *Vidas de Professores*. 2. ed. Porto: Porto Editora, 1995.

PEREIRA, J. S. "Reconhecendo ou construindo uma polaridade étnico-identitária? Desafios do ensino de história no imediato contexto pós-Lei nº 10.639". *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 21, n.º 41, p. 21-43, 2008.

RÜSEN, J. *Razão Histórica*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

Entrevistas

Entrevista concedida pela professora Altair Alves Lúcio Felipe. Florianópolis, 12 de junho de 2013.

Entrevista concedida pela professora Nildes Macêdo Lage. Florianópolis, 12 de janeiro de 2014.

NOTAS

ⁱ Graduada em História pela Universidade Federal de Santa Catarina e mestra em Educação pela mesma Universidade. Atualmente é doutoranda na linha Sociologia e História da Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação UFSC.

ⁱⁱ Doutora em História pela Universidade Federal de Santa Catarina, professora do Departamento de Metodologia de Ensino e do Programa de Pós-Graduação em Educação da mesma Universidade.

ⁱⁱⁱ Considerando a participação de seres humanos como sujeitos investigados, o projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEPSH) da Universidade Federal de Santa Catarina de acordo com a Resolução nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde.

^{iv} No período noturno, o prédio sedia a administração da esfera estadual, atendendo turmas do Ensino Médio.

^v Conforme consta no Projeto Político-Pedagógico de 2010, “Escola Isolada representava uma única turma, com uma única professora. Escola Reunida representava as quatro primeiras séries do 1º Grau atuando numa mesma sala com uma única professora. Grupo Escolar representava as quatro primeiras séries do 1º Grau em diferentes ambientes e professores (as)”.

^{vi} Entrevista concedida pela professora Altair Alves Lúcio Felipe. Florianópolis, 2013.

^{vii} Entrevista concedida pela professora Altair Alves Lúcio Felipe. Florianópolis, 2013.

^{viii} Das quais destacamos as “Orientações curriculares para o desenvolvimento da educação das relações étnico-raciais e para o ensino de História e cultura afro-brasileira e africana na educação fundamental”, de 2008; a Resolução nº 2, de 1º de julho de 2009, a qual dispõe sobre os procedimentos para o desenvolvimento das Diretrizes Curriculares Nacionais relativas à Educação das Relações Étnico-Raciais e ao ensino de História e Cultura Afro-Brasileira, Africana e Indígena, no âmbito das unidades educativas do Sistema Municipal de Ensino e dá outras providências.

^{ix} Entrevista concedida pela professora Altair Alves Lúcio Felipe. Florianópolis, 2013.

^x Entrevista com concedida por Altair Alves Lúcio Felipe. Florianópolis, 2013.

^{xi} Entrevista com a professora Nildes Lage. Florianópolis, 2014.

^{xii} Entrevista concedida pela professora Nildes Lage. Florianópolis, 2014.

^{xiii} Entrevista concedida pela professora Nildes Lage. Florianópolis, 2014.

^{xiv} Entrevista concedida pela professora Nildes Lage. Florianópolis, 2014.

^{xv} Entrevista concedida pela professora Nildes Lage. Florianópolis, 2014.

Received on July 17, 2015.

Accept on August 10, 2015.

License information: This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.